



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

VINÍCIUS FERREIRA DE LIMA

**CLARICE LISPECTOR NA SALA DE AULA: PROPOSTA DE ABORDAGEM A
PARTIR DO CONTO “FELICIDADE CLANDESTINA” PARA ALUNOS DOS ANOS
FINAIS**

**CATOLÉ DO ROCHA – PB
2025**

VINÍCIUS FERREIRA DE LIMA

**CLARICE LISPECTOR NA SALA DE AULA: PROPOSTA DE ABORDAGEM A
PARTIR DO CONTO “FELICIDADE CLANDESTINA” PARA ALUNOS DOS
ANOS FINAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de Letras e
Humanidades – CCHA/CAMPUS IV, da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito para obtenção do título de
Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Vaneide Lima Silva

CATOLÉ DO ROCHA – PB
2025

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L732c Lima, Vinícius Ferreira de.

Clarice Lispector na sala de aula [manuscrito] : proposta de abordagem a partir do conto "Felicidade clandestina" para alunos dos anos finais / Vinícius Ferreira de Lima. - 2025.
30 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2025.

"Orientação : Prof. Dra. Vaneide Lima Silva, Departamento de Letras e Humanidades - CCHA".

1. Clarice Lispector. 2. Conto. 3. Anos finais. 4. Proposta. 5. Sala de aula. I. Título

21. ed. CDD 801.95

VINÍCIUS FERREIRA DE LIMA

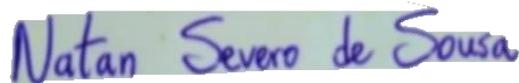
CLARICE LISPECTOR NA SALA DE AULA: PROPOSTA DE ABORDAGEM A PARTIR DO CONTO “FELICIDADE CLANDESTINA” PARA ALUNOS DOS ANOS FINAIS

Aprovado em 05 de junho de 2025.

BANCA EXAMINADORA

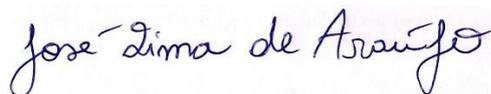


Orientadora: Prof^a. Dr^a. Vaneide Lima Silva
UEPB - CCHA/DLH



Examinador: Prof. Me. Natan Severo de Sousa

UEPB - CCHA/DLH



Examinador: Prof. Me. José Lima de Araújo
UERN

Dedico este trabalho à minha mãe, **Rosenilda Olinto de Lima — “Rosa”**, que foi, é e sempre será a minha maior força.

Sua coragem, dedicação e amor incondicional foram o alicerce da minha caminhada.

Foi através do seu exemplo silencioso e firme que aprendi a nunca desistir, mesmo diante das dificuldades. Este trabalho carrega também um pedaço da sua luta, da sua fé e do seu sonho comigo.

“O livro era um objeto de desejo silencioso, um mistério que pulsava escondido. Quando finalmente o tive em mãos, não era apenas papel e tinta: era uma promessa de descoberta, um gesto de amor, um segredo só meu. A leitura não me oferecia apenas histórias — ela me revelava a mim mesma.”

(Clarice Lispector)

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo apresentar uma proposta de abordagem didática a partir do conto “Felicidade Clandestina”, de Clarice Lispector, voltada aos alunos dos anos finais do Ensino Fundamental. A escolha do conto se justifica pela densidade simbólica e subjetiva da narrativa, que, embora breve, oferece múltiplas camadas interpretativas, possibilitando, assim, um trabalho pedagógico que estimule a sensibilidade, a reflexão e o prazer pela leitura. Clarice Lispector é reconhecida como uma das vozes mais significativas da literatura brasileira, amplamente estudada por críticos como Gotlib (1996), Moisés (2004), Sollers (1976) e Magalhães Júnior (1972), o que reforça a relevância de sua obra no contexto educacional. Do ponto de vista de sua metodologia, o trabalho caracteriza-se como de natureza qualitativa e bibliográfica, centrada na análise do conto e na elaboração de estratégias de leitura e interpretação aplicáveis em sala de aula, conforme os pressupostos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A fundamentação teórica baseia-se em estudos sobre o gênero conto, a exemplo de Moisés (2004) e Gotlib (1996), bem como trabalhos que discorrem sobre a formação do leitor literário, por isso a necessidade de retomar estudos como os de Candido (2004) e Koch (2002). Ao final da análise do conto, que evidencia uma narrativa simples, mas, ao mesmo tempo, surpreendente, possibilitando, desse modo, uma experiência rica e prazerosa de leitura, apresentamos uma proposta didática que busca favorecer a leitura crítica dos estudantes em formação, com sugestão de atividades que incentivem a empatia, a criatividade e, sobretudo, o diálogo com a experiência do aluno. Esperamos que os professores, ao entrarem em contato com essa proposta, repensem suas práticas e compreendam que o texto literário pode ser absorvido pelo aluno de forma interativa, afetiva e efetiva.

Palavras-chave: Clarice Lispector; Conto; Ensino Fundamental; Proposta; Sala de aula.

ABSTRACT

This Final Course Work aims to present a proposal for a didactic approach based on the short story "Felicidade Clandestina" by Clarice Lispector, aimed at students in the final years of Elementary School. The choice of the short story is justified by the symbolic and subjective density of the narrative, which, although brief, offers multiple interpretative layers, thus enabling a pedagogical work that stimulates sensitivity, reflection and the pleasure of reading. Clarice Lispector is recognized as one of the most significant voices in Brazilian literature, widely studied by critics such as Gotlib (1996), Moisés (2004), Sollers (1976) and Magalhães Júnior (1972), which reinforces the relevance of her work in the educational context. From the point of view of its methodology, the work is characterized as qualitative and bibliographic in nature, focused on the analysis of the short story and the development of reading and interpretation strategies applicable in the classroom, according to the assumptions of the National Common Curricular Base (BNCC). The theoretical basis is based on studies on the short story genre, such as those by Moisés (2004) and Gotlib (1996), as well as works that discuss the formation of the literary reader, hence the need to return to studies such as those by Candi-do (2004) and Koch (2002). At the end of the analysis of the short story, which reveals a simple but, at the same time, surprising narrative, thus enabling a rich and pleasurable reading experience, we present a didactic proposal that seeks to favor the critical reading of students in training, with suggestions of activities that encourage empathy, creativity and, above all, dialogue with the student's experience. We hope that teachers, when they come into contact with this proposal, will rethink their practices and understand that literary texts can be absorbed by students in an interactive, affective and effective way.

Keywords: Clarice Lispector; Short story; Elementary school; Proposal; Classroom.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. O CONTO CONTEMPORÂNEO: Algumas considerações teóricas	13
3. CLARICE LISPECTOR NO CONTEXTO DA PRODUÇÃO DE CONTOS NO BRASIL	16
3.1 A originalidade da voz clariciana	16
3.2 A construção do feminino e da epifania no conto clariciano	18
3.3 Clarice e a fragmentação da linguagem	19
3.4 Clarice Lispector e o Ensino Fundamental	19
4.1. Leitura crítica do conto “Felicidade Clandestina”	21
4.2. Proposta de abordagem pedagógica do conto em sala de aula	23
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	28

1. INTRODUÇÃO

A literatura tem sido, ao longo da história, uma das principais formas de expressão humana, possibilitando a construção de identidades individuais e coletivas, além de ser um instrumento essencial para a formação crítica do sujeito. No ambiente escolar, a literatura desempenha um papel fundamental na ampliação do repertório cultural dos alunos, ajudando-os a compreender diferentes realidades, desenvolver a empatia e aprimorar a interpretação de textos. Dentre os diversos gêneros literários, o conto se destaca por sua estrutura narrativa enxuta e objetiva, mas ao mesmo tempo carregada de significados simbólicos e possibilidades interpretativas. Assumindo uma extensão mais curta quando comparado ao romance, por exemplo, o conto permite sua leitura em sala de aula, razão pela qual optamos pela escolha desse gênero para o desenvolvimento deste trabalho.

O presente estudo objetiva analisar a narrativa “Felicidade Clandestina”, de Clarice Lispector, com o intuito de sugerir uma proposta de abordagem a ser vivenciada por alunos dos anos finais do Ensino Fundamental. A proposta busca valorizar os aspectos lúdicos do conto enquanto manifestação literária e, dessa forma, seguir o caminho inverso do que costuma propor os livros didáticos, que, em sua maioria, abordam exclusivamente a mensagem do texto literário, sem proporcionar aos alunos um contato com o lúdico inerente a esse tipo de texto. Partindo do pressuposto de que o texto literário, sobretudo no Ensino Fundamental, deve estar a serviços do desenvolvimento da sensibilidade estética dos estudantes e a experiência de leitura em sala de aula deve promover uma experiência prazerosa e significativa.

A escolha desse conto se dá também não apenas pela relevância da autora no cenário literário brasileiro, mas pela riqueza temática da obra, que possibilita diversas abordagens interpretativas. Clarice Lispector é reconhecida como uma das mais importantes escritoras da literatura brasileira, tendo sua obra caracterizada por uma escrita introspectiva, que explora as emoções e a subjetividade dos personagens de forma singular. Sua literatura transcende a linearidade narrativa convencional, adentrando os meandros da psique humana e abordando temáticas existencialistas, filosóficas e sociais. No caso do conto “Felicidade Clandestina”, temos uma história aparentemente simples, mas repleta de camadas de significação, abordando questões como desejo, frustração, vingança e o impacto da

leitura na formação do indivíduo.

O conto narra a história de uma menina apaixonada por livros que se vê em uma relação de poder e submissão diante de uma colega que lhe promete emprestar um livro, mas adia indefinidamente essa entrega, causando angústia e sofrimento na protagonista. Quando finalmente recebe o livro, a menina experimenta uma felicidade intensa e secreta, uma verdadeira epifania proporcionada pelo ato da leitura. A estrutura do conto, apesar de breve, é marcada por um jogo psicológico entre as personagens, revelando aspectos da crueldade infantil e das relações de poder que permeiam o cotidiano. Além disso, a narrativa sugere uma reflexão sobre o papel dos livros e da literatura na formação subjetiva dos indivíduos, mostrando como o acesso à leitura pode ser uma experiência transformadora.

Diante desse enredo, percebe-se que “Felicidade Clandestina” é uma narrativa que permite diferentes interpretações, sendo um excelente material para o ensino de literatura, área do ensino de Língua Portuguesa que enfrenta diversos desafios, especialmente no que diz respeito à formação do hábito da leitura e à capacidade dos alunos de interpretar textos mais complexos. Muitas vezes, a literatura é abordada de maneira fragmentada, com foco excessivo na memorização de informações sobre autores e escolas literárias, em detrimento da experiência de leitura e da análise crítica dos textos. Nesse sentido, o conto surge como um gênero adequado para a introdução à literatura, pois sua extensão reduzida facilita o trabalho em sala de aula e permite uma abordagem mais aprofundada de seus elementos narrativos e temáticos.

Com base nessa afirmação, podemos dizer ainda que a leitura do conto pode contribuir significativamente para a compreensão do gênero conto e de suas especificidades, uma vez que se trata de uma narrativa curta, que, embora simples em sua estrutura, pode apresentar grande complexidade temática e simbólica, conforme observa Gotlib (1996). Trata-se de um gênero que exige do leitor uma leitura atenta, pois cada elemento narrativo tem um peso significativo na construção do sentido. Especificamente no caso de Clarice Lispector, essa característica se acentua ainda mais, uma vez que sua escrita é marcada pela subjetividade, pela fragmentação e pelo fluxo de consciência, exigindo do leitor um esforço interpretativo maior.

Além da análise estrutural e estilística do conto, este trabalho também busca refletir sobre sua aplicabilidade no ensino de literatura, uma vez que a Base

Nacional Comum Curricular (BNCC) enfatiza a importância da leitura literária na formação dos alunos, destacando que a literatura deve ser trabalhada de maneira significativa, promovendo a reflexão crítica e o desenvolvimento da sensibilidade estética. No entanto, observa-se que muitos alunos têm dificuldade em se envolver com a leitura literária, seja por falta de hábito, seja pela abordagem pedagógica adotada. Nesse contexto, a escolha de textos que dialoguem com a realidade dos estudantes e que despertem seu interesse se torna fundamental para o sucesso do ensino da literatura. Dessa forma, é essencial que os professores adotem metodologias que estimulem o contato frequente dos estudantes com os textos literários, promovendo uma experiência mais interativa e envolvente com a leitura.

Assim, o presente estudo tem como objetivo geral analisar o conto “Felicidade Clandestina” a partir de sua construção narrativa e de seus elementos simbólicos, relacionando-o às estratégias de ensino de literatura para os anos finais do ensino fundamental. Para alcançar esse objetivo, propõem-se os seguintes objetivos específicos: discutir o gênero conto, suas características e especificidades, com base na teoria literária, explorando a forma como esse gênero pode contribuir para a formação leitora dos estudantes; contextualizar a produção de Clarice Lispector, destacando suas principais características estilísticas e temáticas e sua importância para a literatura brasileira; identificar os elementos narrativos, simbólicos e psicológicos do conto “Felicidade Clandestina”, refletindo sobre a construção das personagens e dos conflitos presentes na narrativa e, por fim, propor estratégias didáticas para a utilização do conto em sala de aula, considerando as diretrizes da BNCC e as dificuldades enfrentadas pelos alunos no processo de leitura e interpretação de textos literários.

A estrutura do trabalho está organizada em três tópicos. O primeiro é dedicado à fundamentação teórica do trabalho e discorre sobre o gênero conto, discutindo sua evolução histórica, suas características estruturais e sua importância dentro do campo da literatura e da educação. Serão apresentados conceitos fundamentais sobre o conto, baseando-se em teóricos como Todorov (1981), Cortázar (1974), Gotlib (1996), entre outros. No segundo momento do trabalho se fará uma rápida abordagem da obra de Clarice Lispector, contextualizando sua produção literária e analisando as peculiaridades de sua escrita, com ênfase na construção de suas personagens e na subjetividade presente em suas narrativas. Por fim, o terceiro tópico é dedicado à análise do conto “Felicidade Clandestina”,

explorando suas camadas de significado e suas potencialidades pedagógicas, além de sugerir estratégias para sua aplicação no ensino de literatura, especialmente para o público dos anos finais do Ensino Fundamental.

A relevância desta pesquisa reside na necessidade de repensar as práticas pedagógicas voltadas para o ensino da literatura, buscando estratégias que tornem a leitura mais atrativa e significativa para os alunos. O conto, por sua estrutura concisa e densidade temática, representa um excelente ponto de partida para o desenvolvimento da interpretação textual e da sensibilidade literária. No caso específico de “Felicidade Clandestina”, sua narrativa envolvente e sua abordagem sobre o desejo pela leitura podem contribuir para despertar nos alunos o prazer pela literatura, incentivando-os a explorar outros textos e autores.

Dessa forma, espera-se que este estudo contribua para o aprimoramento das metodologias de ensino de literatura, demonstrando como o conto pode ser utilizado de maneira eficaz no ambiente escolar. Ao analisar “Felicidade Clandestina” e propor estratégias para sua aplicação pedagógica, busca-se evidenciar a importância da literatura como um instrumento de transformação e de construção do pensamento crítico, proporcionando aos alunos uma experiência de leitura enriquecedora e significativa.

2. O CONTO CONTEMPORÂNEO: Algumas considerações teóricas

A literatura, enquanto manifestação artística e expressão humana, constitui uma ferramenta fundamental no processo de formação crítica, estética e ética do sujeito. No contexto da educação básica, a leitura literária contribui não apenas para o desenvolvimento da competência linguística, mas também para a construção do imaginário, a ampliação do repertório cultural e o exercício da empatia. Dentre os gêneros literários possíveis de serem trabalhados em sala de aula, o conto se destaca por sua concisão, profundidade e facilidade de abordagem didática. Sua brevidade, longe de significar superficialidade, revela uma densidade simbólica que permite múltiplas interpretações e reflexões, sendo, por isso, um gênero privilegiado para o trabalho com alunos do Ensino Fundamental.

Historicamente, o conto tem origem na tradição oral, ligado aos relatos populares, mitos e lendas transmitidos entre gerações. Com a consolidação da literatura escrita, o conto passa a integrar a produção literária formal, sendo incorporado por diversos autores como uma forma narrativa autônoma e de grande valor artístico. Edgar Allan Poe, considerado um dos precursores do conto moderno, define o gênero como uma narrativa curta com unidade de efeito, em que cada elemento deve contribuir para a construção de um impacto único no leitor. Esse princípio de concisão e precisão marcou profundamente o desenvolvimento do conto como conhecemos hoje.

Essa ideia de unidade e impacto é recorrente nas definições de conto. Moisés (2004) observa que o conto se caracteriza por um único conflito central, número reduzido de personagens, espaço e tempo limitados e um desfecho que tende ao inusitado ou ao revelador. Essa estrutura concentrada favorece a leitura escolar, permitindo que alunos possam apreender, em uma única aula, a totalidade de uma obra literária e suas camadas de sentido.

Gotlib (1996) reforça essa concepção ao afirmar que o conto, ao contrário do que aparenta, exige grande elaboração por parte do autor e atenção redobrada do leitor. Para ela, “o conto é uma narrativa breve, mas nem por isso superficial. Sua essência está na capacidade de condensar significados, provocar impacto e sugerir mais do que dizer”. (Gotlib, 1996, p.17). Essa condensação, ao nosso ver, transforma o conto em um terreno fértil para o exercício da interpretação, da leitura crítica e

da análise simbólica. O leitor é desafiado a preencher lacunas, interpretar silêncios e construir sentidos com base em detalhes aparentemente mínimos.

A complexidade do conto se manifesta também em sua diversidade tipológica. Os contos podem ser realistas, fantásticos, psicológicos, de mistério, de enigma, filosóficos, poéticos, entre tantos outros. Essa pluralidade amplia as possibilidades de uso do gênero em sala de aula, permitindo que o professor selecione textos de acordo com temas pertinentes à faixa etária, aos interesses e ao currículo. Os contos fantásticos, por exemplo, permitem trabalhar a suspensão da realidade, o imaginário e o simbólico. Já os contos psicológicos, como os de Clarice Lispector, exploram a subjetividade, o fluxo de consciência e os dilemas internos das personagens.

Sollers *et al.* (1976) destacam que o conto moderno rompe com a estrutura clássica das narrativas. Em vez da sequência tradicional de introdução, desenvolvimento e desfecho, muitos contos contemporâneos adotam estruturas fragmentadas, finais abertos e linguagem mais ambígua. Isso se reflete especialmente na obra de autores como Lispector e Rubem Fonseca, que renovaram o conto brasileiro com uma abordagem mais introspectiva, crítica e filosófica.

Além da sua forma, o conto também se distingue de outros gêneros narrativos, como o romance, a novela e a crônica. O romance apresenta múltiplas tramas e uma estrutura mais longa e complexa; a novela, por sua vez, ocupa um lugar intermediário, com maior liberdade temporal e profundidade psicológica. A crônica, embora também breve, está mais voltada para a observação do cotidiano e para a espontaneidade do registro. O conto, diferentemente, concentra-se na síntese da experiência, na unidade de ação, tempo e espaço, e busca provocar no leitor um efeito único e intenso — sendo essa uma de suas características mais marcantes segundo estudiosos do gênero.

Do ponto de vista pedagógico, o conto é extremamente eficaz para o trabalho com a leitura literária em sala de aula. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reconhece a importância do gênero para o desenvolvimento de competências leitoras, orais e escritas, enfatizando que a leitura literária deve estar presente de forma sistemática e significativa em todos os anos da escolarização básica. De acordo com a BNCC: “a prática da leitura literária deve ocupar lugar de destaque nos currículos escolares como forma de fruição e como experiência de linguagem que contribui para o desenvolvimento da imaginação, da criatividade, da empatia e do senso estético” (Brasil, 2018, p. 70).

A leitura de contos em sala permite ao professor desenvolver diversas estratégias pedagógicas: leitura em voz alta, leitura silenciosa, dramatização, reescrita criativa, interpretação coletiva, produção de resenhas, debates temáticos, entre outras. Por sua extensão reduzida, o conto pode ser trabalhado integralmente, o que é um diferencial em relação a gêneros mais longos. Isso facilita a compreensão global do texto e a abordagem de aspectos formais como narrador, tempo, espaço, personagens, linguagem e recursos estilísticos.

A pesquisadora Ingedore Koch (2002) destaca que o conto, ao mobilizar uma estrutura coesa e coerente, favorece o desenvolvimento da competência textual dos alunos, pois permite o exercício da leitura interpretativa e da escrita autoral. A leitura de contos promove a ampliação do vocabulário, a sensibilidade para os diferentes registros da língua e a reflexão sobre os sentidos implícitos no texto.

Além disso, o conto pode ser utilizado como disparador de debates sobre temas contemporâneos, como identidade, desigualdade, preconceito, gênero, infância, ética e convivência social. Muitos contos literários abordam esses temas de forma simbólica, permitindo que o professor desenvolva atividades que estimulem a argumentação, o pensamento crítico e a construção de valores humanistas.

A presença do conto na escola, portanto, não deve se restringir ao ensino de conteúdo literário. Ele deve ser entendido como uma prática social, estética e educativa, que possibilita o acesso à arte da palavra, o encantamento pela leitura e o exercício da escuta e da autoria. Trabalhar com contos é dar ao aluno a oportunidade de se reconhecer nas histórias, de construir sentidos e de participar ativamente do processo de leitura. Nesse sentido, corroboramos com o pensamento de Candido (2004, p. 183) quando faz referência ao papel humanizador da literatura ao afirmar que: "A literatura é um direito de todos. Ela nos humaniza ao promover o imaginário, ao nos colocar em contato com outras vidas, outros mundos e outras experiências".

Dessa forma, o conto, como forma literária breve, mas profunda, torna-se uma ferramenta pedagógica valiosa para o ensino de literatura no Ensino Fundamental. Ele oferece ao professor um material rico em possibilidades e ao aluno uma experiência de leitura acessível, prazerosa e formativa. Em especial, o conto contemporâneo, com sua linguagem instigante e temática atual, dialoga com a realidade dos estudantes e contribui para a formação de leitores críticos e sensíveis.

3. CLARICE LISPECTOR NO CONTEXTO DA PRODUÇÃO DE CONTOS NO BRASIL

3.1 A originalidade da voz clariciana

A literatura brasileira passou por profundas transformações no século XX, especialmente com o surgimento de vozes que romperam com o realismo tradicional e introduziram novas formas de expressão. Entre essas vozes, destaca-se a de Clarice Lispector, cuja obra marca um divisor de águas na prosa brasileira. Seu estilo, inconfundível, propõe um mergulho nos abismos da consciência, da linguagem e do ser. Clarice não apenas se insere na tradição do conto brasileiro — ela a desloca, a reinventa e a redimensiona. Sua escrita, marcada por uma interioridade radical e por um lirismo filosófico, inaugura um modo de narrar que não busca descrever o mundo exterior, mas penetrar na complexidade da experiência interior.

Ao contrário de muitos autores do século XX que centravam sua atenção na denúncia social ou na representação objetiva da realidade, Clarice investe em um discurso subjetivo, movido por uma inquietação existencial. Isso não a torna menos comprometida com a realidade: ao contrário, sua escrita revela as fissuras da experiência cotidiana, dando visibilidade ao que é invisível, ao que escapa ao olhar comum.

Clarice Lispector é, antes de tudo, uma artista do indizível. Sua obra não se submete aos padrões clássicos de estrutura narrativa. Ela rompe com a lógica do início-meio-fim, recusa o enredo convencional e desfaz a separação entre pensamento e linguagem. Sua literatura é feita de lampejos, hesitações, silêncios e epifanias. [...] Em seus contos, a ação cede lugar à percepção. O tempo linear dá lugar ao instante psicológico. A personagem não é movida por desejos externos, mas por pulsões internas e intuições obscuras. É como se cada texto seu fosse uma tentativa — muitas vezes fracassada, mas sempre intensa — de tocar o núcleo mais íntimo da existência". (Gotlib, 1996, p. 35).

A potência dessa escrita reside justamente em sua capacidade de dizer o que é difícil dizer. O mundo interior de suas personagens não se apresenta de forma ordenada, mas fragmentada, muitas vezes caótica, revelando a instabilidade da condição humana. E é essa instabilidade que aproxima o leitor de si mesmo, pois as experiências narradas — embora muitas vezes simples — carregam uma densidade existencial que provoca identificação, desconforto e reflexão.

A crítica literária reconhece em Clarice Lispector uma autora que subverte os fundamentos da narrativa clássica. Se, no conto tradicional, esperava-se uma pro-

gressão linear com início, meio e fim bem definidos, nos contos de Clarice o que prevalece é a disrupção, o corte, a dúvida. A linguagem torna-se instável, movida por pausas, fragmentações e hesitações, como se o texto fosse uma tentativa de acompanhar o movimento do pensamento em tempo real. Segundo Nádía Battella Gotlib (1996, p. 35), Clarice rompe com os padrões narrativos ao se concentrar em experiências subjetivas, introspectivas e descontínuas, o que exige um tipo de leitura mais sensível e intuitiva do que racional e linear. Assim, o conto clariciano desafia o leitor a se deixar afetar — mais com o corpo e a intuição do que com o hábito mecânico da leitura.

A escritora aproxima-se de tendências modernas da literatura europeia, como o fluxo de consciência e a prosa intimista, mas sua voz é absolutamente singular. Seu trabalho não é meramente experimental, mas existencial. Há em sua obra uma urgência de sentido, uma vontade de captar a essência da experiência humana, mesmo sabendo que tal tarefa é, por natureza, impossível, conforme observam Sollers *et al.* (1976):

A escrita de Clarice Lispector não busca descrever o mundo: ela tenta senti-lo. Não se trata de representar a realidade de maneira fiel ou crítica, mas de mergulhar em suas frestas, de captar as vibrações mais sutis da existência. Sua linguagem é feita de espantos e de interrupções. Há mais reticências do que pontos finais. E isso não é defeito: é estética. Clarice escreve como quem escuta — escuta os ruídos da alma, os sussurros do corpo, o grito do silêncio. [...] Seus contos não obedecem a uma fórmula: cada um é um corpo autônomo, um sopro que resiste, um desvio. É por isso que sua leitura exige coragem, disposição para o desconforto e entrega. (Sollers *et al.*, 1976, p. 59).

A forma como Clarice rompe com o convencional não é gratuita. Trata-se de um projeto literário coerente com sua visão de mundo. A autora compreende a linguagem como insuficiente para expressar plenamente a experiência, mas, ainda assim, insiste nela — e é nesse esforço que sua escrita se torna tão poderosa. Seus contos não são fáceis, e talvez nem devam ser. Mas é exatamente essa dificuldade que os torna tão transformadores: eles desafiam, instigam, desorganizam o leitor, como afirmam Sollers *et al.* (1976), ao descreverem sua literatura como uma experiência que exige entrega, estranhamento e coragem diante do texto. Vejamos a seguir outras considerações especificamente a respeito da construção dos personagens femininos no conto de Lispector.

3.2 A construção do feminino e da epifania no conto clariciano

Uma das contribuições mais significativas de Clarice Lispector ao conto brasileiro é a construção de personagens femininas que rompem com os estereótipos tradicionais. Suas personagens não são heroínas nem modelos de virtude. São mulheres comuns — esposas, mães, donas de casa —, mas com um universo interior turbulento e riquíssimo. Em vez de viverem histórias cheias de ação, elas vivenciam processos internos de descoberta, crise e revelação. Essas experiências geralmente se dão em torno de acontecimentos banais: um almoço em família, um passeio de ônibus, uma conversa aparentemente trivial. Mas, na escrita clariciano, esses momentos se tornam portais para epifanias transformadoras. Conforme analisa Gotlib (1996), a literatura de Clarice projeta figuras femininas marcadas por conflitos internos profundos e por um processo de autoconhecimento que se desdobra a partir de pequenas rupturas no cotidiano.

A epifania — instante de revelação súbita — é um dos motores do conto clariciano. Ela não surge como clímax de uma trama, mas como ruptura de um cotidiano mecânico. A personagem é invadida por uma percepção inesperada, uma tomada de consciência que altera sua maneira de ver a si mesma e o mundo. Esse momento não é espetacular, mas silencioso, íntimo e, muitas vezes, doloroso. É o que demonstra o estudo de Magalhães Júnior (1972, p. 52):

Nas personagens femininas de Clarice, a transformação se dá no invisível. Não há reviravoltas externas, mas um deslocamento interior, uma fissura no modo habitual de existir. Elas não vencem batalhas: elas compreendem. Compreendem que há um abismo entre o que são e o que pensam ser, entre o que sentem e o que dizem. [...] Essas epifanias são como rasgos na existência: rápidas, profundas, irreversíveis. Uma mulher que corta um pedaço de carne, que olha um ovo na frigideira, que escuta o barulho da rua — qualquer gesto pode ser o estopim de uma revelação. E, depois disso, nada volta a ser como antes. (Magalhães Júnior, 1972, p. 52).

É nesse ponto que a escrita de Clarice se torna pedagógica no melhor sentido da palavra: ela nos ensina a ver. Ensina a observar o cotidiano com outra lente, a perceber a profundidade onde só se via superfície. Por isso, trabalhar suas personagens femininas na escola, como é o caso do conto selecionado para este trabalho, não é apenas discutir gênero — é discutir humanidade.

3.3 Clarice e a fragmentação da linguagem

Segundo Moisés (2004), a linguagem é, talvez, o elemento mais radicalmente transformado na obra de Clarice Lispector. Ao invés de utilizar a linguagem como um instrumento transparente, voltado para a descrição objetiva do mundo, Clarice expõe a própria linguagem como matéria da escrita, como algo que hesita, que falha, que se desconstrói e se reconstrói no ato de nomear. Seus contos são frequentemente marcados por interrupções, reticências, quebras de expectativa e fragmentações que refletem a própria fragilidade do discurso diante da complexidade do ser.

Para esse autor, essa fragmentação é mais do que uma escolha estilística: é uma afirmação existencial. Clarice não escreve a partir de certezas, mas de inquietações. Seus narradores e personagens não sabem, não concluem, não encerram. Eles experimentam, percebem, hesitam. É como se a autora colocasse o leitor dentro da própria gestação do pensamento, num processo que ainda está se formando, sem garantia de fechamento. Vejamos o que ainda afirma o crítico:

A linguagem clariciana é como um espelho quebrado. Cada fragmento reflete uma parte da experiência, mas nunca o todo. Ler Clarice é como tentar montar um quebra-cabeça cujas peças não se encaixam perfeitamente — e é justamente aí que reside sua beleza. A fragmentação não é falha: é forma. Ela revela a impossibilidade de captar a totalidade do ser em palavras. [...] Em seus contos, o que importa não é a história em si, mas o modo como ela é contada — ou, muitas vezes, o modo como ela quase não consegue ser contada. A hesitação da linguagem é também a hesitação da existência. (Moisés, 2004, p. 141).

No ambiente escolar, essa característica pode ser um desafio, mas também uma grande oportunidade. Ao lidar com textos fragmentados, os alunos são convidados a ocupar os espaços em branco com suas próprias interpretações, a pensar criticamente sobre a linguagem e a perceber que o texto literário não é um código a ser decifrado, mas um espaço de construção de sentido.

3.4 Clarice Lispector e o Ensino Fundamental

A presença da literatura de Clarice Lispector no Ensino Fundamental deve ser pensada com atenção, sensibilidade e, sobretudo, mediação qualificada. Sua escrita, frequentemente tida como “difícil” ou “madura demais”, carrega camadas de significado que, embora densas, também podem ser acessadas por leitores jovens — desde que sejam criadas estratégias adequadas de aproximação. Nesse sentido, o trabalho com o conto “Felicidade Clandestina” desponta como uma oportunidade rica

de desenvolver o gosto pela leitura, a reflexão crítica e a construção da empatia entre os estudantes.

O conto, escrito em primeira pessoa, resgata uma memória de infância que mistura frustração, desejo, humilhação e descoberta. Clarice conduz o leitor por meio da narrativa de uma menina que deseja um livro, mas é impedida de acessá-lo por outra menina cruel. Quando finalmente consegue o exemplar, a personagem experimenta um prazer intenso, secreto — uma “felicidade clandestina”. Esse tipo de narrativa, que coloca a leitura como objeto de desejo, pode ser especialmente potente para alunos em formação leitora.

Clarice fala com as crianças não porque escreve diretamente para elas, mas porque escreve a partir de uma experiência que é comum a todos: o desejo. Em ‘Felicidade Clandestina’, a menina não deseja um brinquedo, um doce ou uma roupa nova — ela deseja um livro. E esse desejo é tratado com tanta intensidade que contagia o leitor. [...] Ao trabalhar esse conto em sala de aula, o professor pode criar uma ponte entre o universo subjetivo do texto e o mundo dos estudantes. Pode perguntar: o que você já desejou tanto assim? Já foi impedido de ter algo que amava? Como se sentiu quando conseguiu? [...] A literatura, nesse caso, não ensina conteúdos: ela ensina a sentir, a recordar, a interpretar a si mesmo. (Gotlib, 1996, p. 67).

A BNCC, ao tratar da leitura literária, afirma que é papel da escola garantir o acesso a textos que provoquem o encantamento, a imaginação e a ampliação de repertórios culturais. O trabalho com Clarice, nesse contexto, não deve ser pensado como um “conteúdo difícil” a ser imposto, mas como uma possibilidade de diálogo estético, emocional e simbólico com os alunos. Contos como “Felicidade Clandestina”, “O búfalo”, “Amor” ou “A legião estrangeira” oferecem experiências de leitura que fogem do óbvio e desafiam o leitor a refletir sobre si mesmo e sobre o mundo.

Além disso, Clarice pode ser utilizada em propostas interdisciplinares. É possível trabalhar com artes visuais (representações da felicidade ou do silêncio), com filosofia (o desejo, o outro, a solidão), com redação (escrita de memórias pessoais) e com oralidade (dramatizações, rodas de leitura, escuta sensível). A riqueza da obra da autora está justamente em sua abertura: ela não se fecha em uma única interpretação, mas convida o leitor a participar ativamente da construção do sentido, conforme sugere Kramer (2001), que ainda afirma:

Levar Clarice Lispector para a sala de aula é, antes de tudo, confiar na inteligência dos alunos. É acreditar que eles são capazes de sentir, de pensar, de estranhar. E é exatamente esse estranhamento que nos torna leitores. [...] O texto de Clarice não deve ser ‘explicado’ pelo professor — deve ser vivido. Lido em voz alta, compartilhado, relido, discutido. Ele precisa circular

entre os estudantes como um segredo revelado pouco a pouco. (Kramer 2001, p. 92).

Portanto, a presença de Clarice Lispector no Ensino Fundamental não apenas é possível, como é desejável. Sua literatura abre caminhos para o trabalho com as emoções, com a linguagem e com a experiência humana. Ela ensina, ainda que sem querer, que a leitura não serve apenas para aprender — mas para se transformar. É nesse ponto que a literatura de Clarice encontra sua maior força pedagógica: ela forma leitores não pela imposição, mas pelo encantamento.

4. TRABALHANDO O CONTO NA SALA DE AULA: Leitura crítica de “Felicidade Clandestina” e proposta de abordagem para alunos do Ensino Fundamental

4.1. Leitura crítica do conto “Felicidade Clandestina”

O conto “Felicidade Clandestina”, de Clarice Lispector, publicado inicialmente em 1971 e, posteriormente, incluído na coletânea homônima de 1977, é uma narrativa que une simplicidade temática e profundidade emocional. Nele, Clarice utiliza a memória da infância como ponto de partida para refletir sobre o desejo, a frustração, a vingança e, sobretudo, o amor pelos livros. Com uma linguagem acessível e marcada pela oralidade, a autora constrói uma narrativa com potencial formativo e simbólico que a torna ideal para o trabalho pedagógico no Ensino Fundamental.

A história é narrada em primeira pessoa por uma menina apaixonada por livros. O enredo gira em torno de um desejo específico: o de ler *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato. A menina sabe que outra colega possui o exemplar e, então, se aproxima dela com a esperança de conseguir o livro emprestado. No entanto, essa colega, descrita como “gorda, baixa, de cabelos excessivamente crespos, um pouco envergonhada e calada”, utiliza essa posição de poder para humilhar a narradora, prometendo emprestar o livro, mas nunca o fazendo de fato. A situação se repete até que a mãe da colega interfere e, finalmente, o livro é entregue. O momento em que a narradora recebe o livro é descrito com intensidade emocional, revelando o quanto o acesso à leitura pode significar uma experiência transformadora.

A construção das personagens é feita com maestria. A menina “cruel”, como é chamada pela narradora, é desenhada com traços físicos e emocionais que beiram o grotesco. Sua crueldade não é explícita, mas se manifesta no prazer em alimentar a expectativa do outro para depois frustrá-la. Já a narradora é uma figura ingênua, doce, esperançosa, mas que não deixa de guardar uma raiva contida. A complexidade emocional entre ambas revela como Clarice é capaz de, mesmo num conto aparentemente simples, explorar as tensões humanas mais profundas.

Consideramos o momento da leitura do livro emprestado como o ápice da narrativa. É aí que ocorre a epifania: a experiência silenciosa, solitária e transformadora do prazer de ler. A menina se isola do mundo para saborear, lentamente, o livro que tanto desejou. Clarice descreve esse instante com uma carga poética que trans-

forma o cotidiano em algo sagrado. A intensidade emocional da personagem revela não apenas o amor pela leitura, mas a construção de um vínculo afetivo com o livro, quase como se fosse um ser vivo. Como descreve a narradora: “Segurei o livro com as mãos trêmulas. Mas não o abri. Cheguei em casa, fingi que não o tinha, para depois, com calma, saborear o momento de abri-lo. Foi a primeira vez que se deu entre mim e o livro aquele relacionamento carinhoso que pode existir entre duas coisas vivas.” (Lispector, 1977, p. 20).

Esse trecho revela a maneira como Clarice enxerga o ato de ler: não como uma atividade técnica ou apenas escolar, mas como uma vivência sensorial, subjetiva e única. O livro, para a personagem, não é um objeto comum — é presença, é companhia, é segredo guardado. Esse tipo de leitura é o que se busca despertar nos alunos: uma relação íntima e significativa com o texto, em que o leitor se reconhece, se transforma e se apropria da literatura como parte de si. Ao levar esse conto para a sala de aula, o professor convida os alunos a experimentarem essa mesma intensidade — a leitura como experiência afetiva, potente e formadora.

A escolha da palavra “clandestina” para nomear essa felicidade é um dos pontos mais geniais do conto. A felicidade da menina não é apenas pelo livro em si, mas pela conquista, pela espera, pelo mistério. O segredo, o isolamento e o silêncio tornam essa leitura algo quase sagrado. A “clandestinidade” é simbólica: trata-se de uma alegria que ninguém percebe, que ninguém precisa saber, mas que transforma por dentro.

A linguagem do conto também merece atenção. Clarice utiliza frases curtas, repetições, estruturas orais e fluxos de pensamento que reproduzem a voz da criança narradora sem deixar de inserir profundidade e lirismo. A aparente simplicidade esconde uma construção muito sofisticada, que alterna entre a descrição do mundo externo e o mergulho na subjetividade.

Além disso, o conto traz uma crítica velada às desigualdades de acesso à leitura. A narradora não possui o livro, enquanto a colega o tem, mas não o valoriza — e o utiliza como instrumento de poder. O objeto-livro, nesse contexto, adquire um valor simbólico: é desejado como um bem precioso, fonte de prazer e revelação. Essa crítica permanece atual, considerando o contexto brasileiro em que muitas crianças ainda enfrentam dificuldades para acessar obras literárias de qualidade.

A experiência narrada também aborda, de forma delicada, o ressentimento e o perdão. A narradora, embora descreva a colega como cruel, parece superá-la pela

intensidade de sua experiência. O prazer da leitura acaba sendo maior do que a dor da espera. Esse ponto torna o conto não apenas uma celebração da leitura, mas uma lição sobre paciência, desejo e crescimento, conforme observamos na análise de Gotlib (1996):

Clarice transforma um episódio banal — o desejo por um livro — em rito de iniciação. A espera, o sofrimento, a frustração e, finalmente, a conquista não são apenas elementos da narrativa: são o processo de formação da subjetividade da narradora. Ao final do conto, ela não é mais a mesma. A leitura a transformou. E é esse o maior poder da literatura. (Gotlib, 1996, p. 71).

A leitura crítica de “Felicidade Clandestina” permite compreender a riqueza de um texto que, apesar de curto, é extremamente potente. Sua utilização em sala de aula representa uma oportunidade valiosa de desenvolver competências literárias, emocionais e éticas nos alunos. A seguir, será apresentada uma proposta pedagógica baseada nesse conto, em conformidade com os princípios da BNCC e com os objetivos de formação do leitor literário.

4.2. Proposta de abordagem pedagógica do conto em sala de aula

A presença da literatura em sala de aula deve ultrapassar o ensino mecânico dos gêneros e a análise técnica dos elementos da narrativa. A literatura, segundo a BNCC (2018), deve ser vivida como prática social, cultural e estética, que favoreça a formação de leitores críticos, criativos e sensíveis. Nesse contexto, o conto “Felicidade Clandestina”, de Clarice Lispector, representa uma oportunidade rica para se trabalhar não apenas o conteúdo literário, mas também as emoções, o desejo, a espera e o prazer estético. A proposta pedagógica aqui apresentada busca articular leitura, interpretação, produção e fruição literária, promovendo uma experiência completa de contato com a obra.

Ao escolher um conto como este para trabalhar com alunos do Ensino Fundamental, é necessário considerar que sua linguagem, embora aparentemente simples, está carregada de densidade simbólica. Clarice não oferece respostas prontas. Ela propõe atmosferas, construções sensíveis e narradoras que se movem entre o vivido e o sentido. A criança protagonista da narrativa deseja um livro, mas é impedida de acessá-lo por uma colega que exerce poder pela negação. Esse conflito permite a abordagem de diversos temas: o bullying, o valor do livro, a empatia, a frus-

tração, o tempo da espera e, por fim, a descoberta do prazer solitário e profundo da leitura.

Antes da leitura, o professor pode criar uma situação de escuta e compartilhamento de experiências. Ao propor perguntas como “Você já quis muito algo e teve que esperar?”, ou “Já sentiu que algo que parecia pequeno para os outros era enorme para você?”, já se inicia um caminho de aproximação com o universo temático do conto. Essa primeira etapa é fundamental para despertar o interesse e permitir que os alunos se sintam parte do processo.

Em seguida, o conto pode ser lido em voz alta pelo professor, em tom pausado, com entonação sensível, valorizando a musicalidade do texto clariciano. Pode-se também realizar uma leitura em duplas ou silenciosa, respeitando o ritmo de cada aluno. É interessante estimular os estudantes a grifarem palavras que não conhecem, frases que os emocionaram ou trechos que gostariam de discutir.

Após a leitura, a roda de conversa é essencial. Ela permite a escuta coletiva, a partilha das impressões e a interpretação colaborativa do texto. É importante que o professor atue como mediador, evitando “dar a resposta certa”, mas incentivando perguntas como: “Por que a colega da narradora agia daquela forma?”, “O que significava aquele livro para a menina?”, “O que é felicidade clandestina para vocês?”. Essas perguntas não visam testar conhecimento, mas abrir espaço para reflexão.

A partir dessa escuta ativa, o professor pode propor atividades de aprofundamento. Uma sugestão é solicitar que os alunos escrevam uma pequena narrativa pessoal com o tema: “Um dia em que esperei muito por algo que desejei”. Essa produção deve valorizar a dimensão afetiva e pode ser trabalhada em etapas: planejamento, escrita, revisão e socialização. É importante destacar que não se trata de avaliar a correção gramatical de forma isolada, mas sim a expressividade e a coerência do texto com a experiência relatada.

Além da escrita, atividades artísticas também podem ser incorporadas. Os alunos podem ilustrar a cena que mais os marcou no conto, recriar a capa do livro desejado pela personagem, produzir um diário imaginário da narradora ou até encenar a cena da entrega do livro. Essas atividades desenvolvem não apenas a compreensão do texto, mas também a criatividade, a oralidade, a cooperação e a sensibilidade artística.

Outra proposta é trabalhar o intertexto entre Clarice Lispector e Monteiro Lobato, autor da obra que a personagem deseja. Pode-se apresentar um trecho de

Reinações de Narizinho e discutir o porquê desse livro ser tão desejado. Essa atividade favorece a ampliação do repertório dos alunos e estimula a leitura de novos autores brasileiros.

A proposta também permite a interdisciplinaridade. Em História, pode-se discutir o acesso à leitura em diferentes épocas e lugares. Em Filosofia, pode-se refletir sobre o desejo, o tempo da espera, a frustração e o prazer. Em Artes, podem ser trabalhadas colagens ou instalações sobre “meus desejos secretos”. Em Língua Portuguesa, trabalha-se a leitura crítica, a produção textual e o reconhecimento da literatura como forma de expressão de si e do outro.

Por fim, o professor pode sistematizar a aprendizagem com um pequeno portfólio: cada aluno reúne os registros das atividades, ilustrações, produções escritas e reflexões, formando uma memória pessoal da experiência de leitura. Isso dá sentido à vivência literária e permite que o estudante reconheça a importância da leitura como parte de sua formação humana.

A proposta pedagógica baseada no conto “Felicidade Clandestina” demonstra que é possível trabalhar literatura com profundidade mesmo no Ensino Fundamental. Ao respeitar o tempo de cada aluno, valorizar suas emoções e promover uma leitura compartilhada, o professor atua como mediador de experiências que podem marcar a vida de seus alunos. Mais do que ensinar o que é um conto, essa proposta permite que o estudante sinta o que é ser tocado por uma história — e é esse toque que transforma.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente Trabalho de Conclusão de Curso teve como objetivo central propor uma abordagem didática para o conto “Felicidade Clandestina”, de Clarice Lispector, direcionada aos alunos dos anos finais do Ensino Fundamental. Ao longo desta pesquisa, buscou-se demonstrar que a literatura, quando trabalhada com sensibilidade, escuta e mediação qualificada, pode deixar de ser uma obrigação escolar e se tornar uma experiência transformadora, reveladora e afetiva.

A escolha da obra de Clarice Lispector partiu do entendimento de que sua escrita, mesmo marcada por densidade simbólica e complexidade estilística, pode dialogar com os estudantes em processo de formação leitora, desde que o professor atue como facilitador desse encontro entre o aluno e o texto literário.

A análise do conto revelou que, por meio de uma narrativa breve e aparentemente simples, a autora constrói uma verdadeira jornada emocional. Vimos que a personagem principal, uma menina que deseja intensamente um livro, representa o desejo pela leitura, o encantamento com a literatura e o poder que os livros possuem de afetar, modificar e humanizar o leitor. A leitura crítica dessa narrativa permitiu observar a forma como Clarice Lispector consegue transformar um episódio cotidiano em um rito de passagem, em uma epifania silenciosa que modifica a percepção da personagem sobre si mesma e sobre o mundo. Essa transformação, marcada pelo silêncio, pela espera e pela conquista, é o que torna a experiência de leitura tão rica pedagogicamente.

O desenvolvimento da proposta pedagógica, por sua vez, buscou responder a uma das maiores dificuldades enfrentadas no ensino da literatura: como tornar a leitura significativa para alunos que muitas vezes estão distantes do universo dos livros? As estratégias sugeridas — que incluem leitura em voz alta, escuta sensível, produção de narrativas pessoais, debates afetivos, dramatizações e intertextualidade — têm como intenção principal romper com a lógica da literatura mera obrigação, cuja abordagem se detém, quase sempre, na mensagem do texto. Ao contrário, buscam devolver à leitura seu sentido primeiro: o de tocar, sensibilizar, emocionar, provocar e formar. Acreditamos que, com mediação adequada, textos literários como os de Clarice Lispector são capazes de estabelecer pontes entre o texto e a vida, entre o simbólico e o real, entre o eu e o outro.

A importância de trabalhos como este reside, sobretudo, na necessidade urgente de repensar o lugar da literatura no ambiente escolar. Em tempos de superficialidade, excesso de estímulos e empobrecimento das experiências simbólicas, a escola precisa ser um espaço de resistência ao imediatismo e à indiferença. A literatura, enquanto arte da palavra, é uma das formas mais potentes de garantir essa resistência, conforme afirmamos ao fazer referência ao estudo de Candido (2004), que defende a literatura como um direito humano fundamental, pois promove a ampliação da consciência, o exercício da alteridade e a valorização da complexidade da existência. Portanto, inserir textos literários como o conto “Felicidade Clandestina” na sala de aula não é apenas cumprir uma exigência da BNCC, mas defender uma abordagem do texto literário mais sensível, mais crítica e mais humana.

Do ponto de vista dos estudos literários, esta pesquisa também apresenta sua relevância. Ao propor uma leitura crítica de um conto consagrado da literatura brasileira e, ao mesmo tempo, desenvolver uma aplicação prática dessa leitura no contexto escolar, o trabalho se posiciona no cruzamento entre teoria e prática, entre crítica e ensino. A valorização do conto como gênero literário, muitas vezes negligenciado nas salas de aula, reafirma sua capacidade de provocar reflexões profundas em espaços de formação básica.

A expectativa é que este trabalho possa, de algum modo, inspirar outros professores e pesquisadores a investirem em práticas pedagógicas que valorizem a leitura literária como experiência. Ler é mais do que decodificar palavras: é lançar-se ao desconhecido, é experimentar o estranhamento, é construir sentidos em diálogo com a própria interioridade. A literatura de Clarice Lispector, com sua fragmentação e intensidade emocional, oferece ao professor a possibilidade de ensinar não apenas a ler textos, mas a ler o mundo e a si mesmo, residindo nessa perspectiva a importância de se trabalhar a literatura: precisamos formar sujeitos inteiros, atentos, críticos, afetivos e criativos.

Que este trabalho seja, portanto, uma semente para que cada vez mais educadores compreendam que ensinar literatura é, antes de tudo, oferecer encontros — com a linguagem, com a arte e com a própria condição humana. E que, como a menina do conto, nossos estudantes possam experimentar o prazer quase secreto de descobrir, na leitura, uma felicidade clandestina.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: **Vários escritos**. 5. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004. p. 177–184.

CORTÁZAR, Julio. **Valise de Cronópio**. São Paulo: Livros do Brasil, 1974.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOTLIB, Nádía Battella. **Clarice: uma vida que se conta**. São Paulo: Ática, 1996.

KOCH, Ingedore Villaça. **A coerência textual**. São Paulo: Contexto, 2002.

LISPECTOR, Clarice. **Felicidade clandestina**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. **Clarice Lispector: a bio-bibliografia**. Rio de Janeiro: Bloch, 1972.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária: prosa I**. São Paulo: Cultrix, 2004.

SOLLERS, Philippe et al. **A escrita e a experiência interior**. Lisboa: Estampa, 1976.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. São Paulo: Difel, 1981.

AGRADECIMENTOS

A **Deus**, primeiramente, por ter sustentado cada etapa desta caminhada, renovando minhas forças nos momentos de dificuldade e iluminando meu caminho com sabedoria e fé.

À **minha família**, pelo amor incondicional e incentivo constante. Em especial, agradeço a meu pai, Joseildo Ferreira da Silva, e à minha mãe, Rosenilda Olinto de Lima – “Rosa”, que me ensinaram, pelo exemplo, a nunca desistir dos meus sonhos. Estendo essa gratidão a toda a minha família, em particular à minha tia Neuzivan, cujo apoio e presença foram essenciais em diversos momentos.

À minha orientadora, **Prof.^a Dr.^a Vaneide Lima Silva**, pela paciência, dedicação e generosidade intelectual. Sua orientação foi essencial para a construção deste trabalho e para meu crescimento como estudante e futuro educador.

Ao **Conselho Tutelar**, onde atuo, por ter aguçado em mim um olhar mais sensível para as realidades da infância e da adolescência – vivência que foi determinante para a escolha do conto analisado neste trabalho.

À **Paróquia Nossa Senhora dos Remédios, em Jericó-PB**, por ser espaço de fé, missão e acolhida.

Agradeço, com especial carinho, à **Solange**, com quem trabalho na Secretaria Paroquial de Jericó. Sua compreensão e generosidade em permitir que eu me ausentasse em alguns momentos e utilizasse o espaço de trabalho para me dedicar a este TCC foram fundamentais para que este projeto se concretizasse

Aos meus **colegas de trabalho**, aos **professores do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba – Campus IV**, e aos amigos e amigas que estiveram ao meu lado nesta jornada, deixo o meu muito obrigado.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste Trabalho de Conclusão de Curso, registro aqui minha mais sincera gratidão.